

STUDIES / ÉTUDES

Escrever com a necessidade: A materialidade da escrita e a lista da viúva

José Newton Coelho Meneses

Universidade Federal de Minas Gerais

jnmeneses@uol.com.br

ORCID: 0000-0002-1237-7169

ABSTRACT

The article suggests reflecting on writing as a material and expressive act that reflects real experiences and social interactions. It presents a list of expenses from a woman in the Portuguese Captaincy of Minas Gerais in the eighteenth century and invites readers to interpret the document as evidence of daily tastes, consumption, and food practices.

Keywords: Food Studies; Food History; Brazilian Food History; History of Minas Gerais; Food Practices.

HOW TO CITE THIS PAPER

Meneses, José Newton Coelho. "Escrever com a necessidade: A materialidade da escrita e a lista da viúva." *NaKaN: A Journal of Cultural Studies*, no. 7, July 2026, <https://doi.org/10.67187/nakan-journal.7.2>.

Référence électronique / Electronic reference

DOI : 10.67187/nakan-journal.7.2 — URL : <https://nakanjournal.com/escrever-com-a-necessidade-a-materialidade-da-escrita-e-a-lista-da-viuv/>

Introdução

Apreender a materialidade da escrita é para um historiador a possibilidade de leitura mais vertical das fontes de sua investigação. No campo da história da alimentação, a sensibilidade para considerar a escrita um artefato e uma forma de linguagem, se complementam e incorporam sentidos ao texto, ao informar, outrossim, sobre o gesto de quem escreve. Minhas buscas compreensivas sobre os eventos passados e sobre a comida e o gosto alimentar se vergam sobre papéis velhos dos arquivos e percebem que a escrita é, também, elemento material da cultura, artefato da vida, gesto humano.

Faço um radical recorte para que este texto cumpra um papel problematizador sobre a comida e as formas marcantes de exprimir em escrita os gostos alimentares. Sobretudo, esforço-me para que o documento essencial de minha análise, uma lista de despesas com alimentos, esteja transcrito ao final e possibilite sua leitura por interessados em investigá-lo. Penso as materialidades e tento lê-las nos objetos, refletindo na expressão de Daniel Roche sobre eles:

Os objetos, as relações físicas ou humanas que eles criam não podem se reduzir a uma simples materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação ou de distinção social. Eles não pertencem apenas ao porão ou ao sótão, ou então simultaneamente aos dois, e devemos recolocá-los em redes de abstração e sensibilidade essenciais à compreensão dos fatos sociais. (Roche 13)

Os artefatos integram-se à vivência humana de forma radical. São elementos materiais da cultura e não apenas a representação da inteligência que os constrói. Incorporam os gestos no uso e se reinscrevem em um cotidiano de que são parte, mas não só: o objeto integra-se ao corpo humano, associa-se à razão, participa da sociabilidade, do desejo dos homens e é símbolo de construções diversas da imaginação. São intrínsecos aos atos vividos.

A cultura material, reforçada pela tradição que nomeia assim a busca interpretativa dos bens materiais das sociedades, objetiva, em verdade, compreender os elementos materiais da cultura ou a dimensão palpável de uma realidade vivida. E é a partir dessas plataformas de observação que os historiadores e outros cientistas sociais têm buscado compreender as transformações sociais pela leitura das coisas da vida. Não há uma cultura material e outra imaterial. Existem culturas, e elas possuem elementos materiais e simbólicos integrados, articulados ao fazer e ao saber da vida social (Meneses 2018).

A escrita é, para além de outras materialidades, sobretudo, artefato e gesto. Gesto é pura materialidade expressa pelo corpo, nossa mais essencial matéria. O gesto manipula e manuscree constrói *tipos móveis* e imprime; o gesto grafa. Os dicionários da língua portuguesa o definem como movimento de expressão do corpo, mímica, tudo para exprimir ideias e sentimentos. David Le Breton, em *A sociologia do corpo* afirma:

Como a língua, o corpo é uma medida do mundo, uma rede jogada sobre a multidão de estímulos que assaltam o indivíduo ao longo de sua vida cotidiana e que só retém em suas malhas os que lhe parecem mais significativos. (...) O corpo não é, portanto, uma matéria passiva, submetida ao controle da vontade, obstáculo à comunicação, mas, por seus mecanismos próprios, é de imediato uma inteligência do mundo. Esse conhecimento

sensível inscreve o corpo na continuidade das intenções do indivíduo confrontado a seu ambiente; ele orienta em princípio seus movimentos ou suas ações sem impor a necessidade preliminar de uma longa reflexão (Le Breton 190).

A tradição do pensamento ocidental construiu o dualismo entre materialidade e imaterialidade, entre artefato e inteligência, entre natural e cultural, entre o palpável e o simbólico, opondo material *versus* ideal, matéria *versus* mente, sensorial *versus* abstrato, hierarquizando pensamento-comportamento-matéria, exaltando a superioridade da inteligência e tratando a materialidade como, apenas, uma representação desta. Como Marcelo Rede, procuro problematizar o artefato em uma dimensão ontológica, onde ele é gesto humano, expressão da criatividade e das relações sociais, e em uma perspectiva epistemológica, tratando a materialidade como saber e como fazer e, ainda, como documento da História. No diálogo com as outras ciências sociais a História provocou um “esvaziamento da diacronia”, verticalizando a historicidade do tempo e beneficiando com isso uma visão mais sistêmica e estrutural das experiências em cultura (Rede 138).

Gesto e artefato, inteligência e linguagem

O gesto é artifício, expressão e movimento corporal; une o corpo e a materialidade própria do organismo humano. O artefato, materialidade que estende o gesto ao seu mundo, é instrumento das intenções, opções e sentimentos do homem (Meneses 2017 10). Luce Giard (273), pensando a cozinha e a cozinheira e fundamentada em Marcel Mauss, classifica os gestos como “técnico” ou “de expressão” e os submete às suas finalidades, utilidades e eficácias. A autora nos deixa claro: eles são sequências ordenadas e ações elementares e banais, ordinárias em um cotidiano de fazeres marcado pela utilidade e pela capacidade de organização do ser humano. Gestos têm duração—enquanto durar sua utilidade—e configuram aprendizado, memória e reconstituição; exigem habilidade e suprem necessidades concretas e simbólicas. A escrita é tudo isso e é, portanto, gesto.

No arquivo, onde se salvaguardam acervos e repertórios documentais para a pesquisa histórica, a escrita é memória materializada em tinta, papel, pena, tipo de impressão, mão e o sujeito escritor. Um ser de materialidades, do esforço da ação, esforço físico e mental, materialmente feito de tempo gasto pelo ato de escrever.

Recordam-se neste ponto a “Hétérographies” de Fernando Bouza, e o seu belíssimo texto “Escrever a coração aberto”, pois sempre se escreve com esforço e com alma. Falando especificamente de emissão e recepção de cartas e de seus

múltiplos sentidos e significados, o autor espanhol apresenta-nos saberes, esforços profissionais, um “mercado do escrito”, exposições de almas, fazeres que se concretizam desnudando o coração (Bouza 509).

Nos acervos dos arquivos encontramos a escrita e o escritor. A escrita corporificada em grafias e em suportes, e quem a expressa, em alma e corpo. Por isso, Bouza nos fala de uma *fisiologia* do ato de escrever que vai do coração à pena, passando pela mão; eu complementar, pela mão e pelo gesto. Fisiologia visível, arte, fazer, saber, capacidade manual, artesanal, competência gestual. Arte é, essencialmente, materialidade e inteligência, imbricadas e separáveis apenas pelo nosso didatismo simplista e empobrecedor. Na “fisiologia” de Fernando Bouza eu acrescentaria alguns fatores: gestos mais ou menos sofisticados, suor e lágrimas, ansiedades, necessidades, desejos; escolhas caligráficas, opções de cores e de texturas, sensibilidades.

Os manuscritos e impressos, nos arquivos são heranças memorialísticas, memórias sociais evidentes, são nossos objetos informantes da compreensão e da narrativa feita por nós. Marina Furtado Gonçalves afirma, tendo como base a perspectiva analítica dos elementos materiais da cultura, que “o documento em si, [é] composto pelo papel, tintas, marcas e vestígios, um objeto de natureza material constituído historicamente” (Gonçalves 17). A escrita, portanto, materialmente, documenta, é vestígio, rastro da memória; é a própria memória. É repertório de *dados* para a compreensão crítica de seu tempo. Das temporalidades do seu fazer.

Seus significados, voltando a Fernando Bouza, quer escrito de próprio punho ou com mão alheia, são múltiplos e dependentes de diversos fatores, distintos em várias sociedades e tempos. No seu texto, a materialidade epistolar—lembro que o autor trata da escrita de cartas— diz ao leitor recados e leituras variadas. A carta pode ser escrita de próprio punho, com punho alheio e assinada de próprio punho, impressa e assinada de próprio punho, etc.

A escrita, manuscrita ou impressa, é mensurável em sua materialidade de tempo, de quantidade de tinta, de espaço no suporte, de intensidade de pressão sobre o papel, ou de cor —nas letras capitulares, por exemplo, ou de correções com diversos materiais que apagam e reescrevem por cima. É medida em gestos e em artes/fazeres para executá-los, em posições corporais e dos suportes móveis—como, por exemplo, o ângulo adequado do tampo da escrivaninha para facilitar o gesto, em posturas do corpo para seu conforto ou a passagem da luz, em tamanhos de *tipos móveis* a serem compostos no caixilho da tipografia, em número de autorias etc. Muito gesto, muita materialidade.

A escrita é presença corporal/material e espiritual de quem escreve: é inteligência e é coração, mão e pena; é “retrato do ânimo”, do humor, do espírito. Como nos “Colóquios de Palatino y Pinciano” de Juan de Arce de Otálora, citado por Bouza, ainda se referindo às fontes epistolares: “Entre amigos é um presente de amor ver letras das suas próprias mãos, que nos consolam e refrescam a memória como se os víssemos presentes” (520). E continua Juan de Arce: “Não se pode chamar ‘carta’ aquelas escritas pelo secretário, porque não se pode significar nelas afetos do coração e nem ter tanta certeza dela” (520). Pois, complementa, “cada mão tem sua atmosfera e forma particular como tem a voz e o rosto de cada um” (520). A escrita como materialidade da alma, tendo o coração, a mão e a pena como instrumentos, como órgãos e como objeto que estende o gesto, satisfaz a vontade e o desejo de se desnudar. Assim, a “atmosfera” da mão, o seu universo de movimentos, a sua mobilidade múltipla e eficiente, constrói a expressão de si em palavras, em tinta sobre papel.

As cartas pessoais, como “fontes epistolares” para a compreensão do passado, têm natureza interessante e nos instigam, ao lê-las, a clara percepção de personalidade e de intimismo, características destinadas ao diálogo entre, no mínimo, duas pessoas, que nossa sensibilidade à leitura leva à compreensão de relações pessoais e de escrita de si. A conexão remetente-destinatário, materializada em papel e tinta, foge à efemeridade da oralidade e delinea elaboração mais reflexiva de intenções e de compartilhamentos de quem escreve. Muitas vezes são “códigos de uma escrita íntima decifrados pela amizade” (Santos 39). E, eu complementaria, tornados materialmente legíveis para permanecerem no artefato carta, serem lidos e relidos, continuarem duráveis e permitirem a guarda.

A materialidade da escrita nos documentos é expressa por Márcia Almada como “o conjunto de características formais e físicas que conformam o escrito” (20). São uma série de materiais e de técnicas: o registro textual, o suporte, os materiais de inscrição, pintura e impressão, as formas de conservação como “uma encadernação e as materialidades encravadas pelo tempo, “debras, alças, adesivos, furos, rasgos, marcas digitais entre outros indícios” (Almada 20). Espelhando-se em Fernando Bouza, cita os sentidos da visão—“visualidade”, olfato—o cheiro—e o tato—textura—e “eventualmente os ouvidos” para a percepção sensorial/material dos escritos. Sou tentado a incluir o paladar, pela sensação gustativa de alguns escritos que podem nos dar “água na boca”. Diria eu, também, que mesmo a desmaterialização que as traças provocam no papel são materializações de buracos, de perdas—textuais, de ausências. Há materialidade neste “vazio parasita” no suporte de papel. Examinar organolepticamente um documento escrito é sentir a dinâmica e a história de sua construção material.

Vários autores pensam a escrita de forma interessante para uma história social. Poderíamos aqui referenciar as práticas das culturas gráficas em Armando Petrucci, as temporalidades dos livros, em imenso número de autores, dentre eles Robert Darnton; as materialidades das edições, como em Roger Chartier, Jean Hébrard e Henri-Jean Martin; as leituras e os leitores em outros sem número de escritores como Alberto Manguel; os impressos em papel como em Eddy Stols; as imagens impressas, como em Miguel Figueira de Faria; o mapeamento da escrita em atlas geográfico, em Franco Moretti; a magia dos impressos em Martyn Lyons e outros tantos historiadores da escrita. Nem todos olharam a escrita pela perspectiva de suas materialidades. Importante é lembrar que textos ficam e se guardam. Outros se perdem em efemeridades propositais ou não, como ressalta Chartier:

No início do século XVII, Cervantes colocou no caminho de Dom Quixote e Sancho o *librillo de memoria* de Cardênio, que serve de primeiro suporte a poemas e cartas que serão depois recopiados. Tanto um quanto outro, o religioso poeta e o escritor desajeitado, associaram intimamente a escrita à memória, como se toda inscrição pudesse ou devesse ser apagada, como se a escrita se esforçasse sempre para conjurar sua própria fragilidade. (19)

Mas as palavras duráveis, escritas e carregadas junto ao corpo podem, também, ter força de magia e de poder como nos mostra o trabalho de Gislaine Gonçalves Dias Pinto. Estudando o poder das palavras e das imagens em orações carregadas por cristãos novos ela nos informa: “O uso de ‘escritas mágicas’ não seria restrito às camadas populares. Reis, clérigos e pessoas da nobreza utilizavam elementos de ourivesaria; papéis assinados ou escritos por pessoas canonizadas; orações para protegerem-se do mal, de doenças e de ferimentos de armas” (Pinto 217). E complementa: “Para a efetivação do poder protetor das orações não bastava apenas proferir suas palavras, era preciso carregá-las escritas junto ao corpo” (Pinto 217). A escrita como amuleto, artefato de proteção; materialidade produzindo ação mágica.

Nos documentos que os arquivos nos guardam a escrita é sempre peça construída para provar algo. Não serve ao historiador como prova de nada. No entanto, responde a nossos problemas compreensivos, atendendo às nossas narrativas; escritas autorais materializadas em textos que nos expressam corporal e mentalmente. Novas escritas expressando, materialmente, ânimos, humores, necessidades, desejos, mentes e corações.

Necessidade, papel e pena: a lista de alimentos de Anna Perpétua

A necessidade também escreve. Anna Perpétua Marcelina da Fonseca ficou viúva em 1793, no Tejuco—atual Diamantina, Minas Gerais, Brasil—e foi a inventariante

dos bens familiares na elaboração do Inventário *post mortem* do marido. Com cinco filhos menores para criar, teve de se valer dos bens da família para sustentá-los, o que deve ter sido fácil, posto a numerosa posse de riqueza deixada. Para se ter ideia da sua riqueza, basta citar a herança de 136 escravizados alugados à Intendência dos Diamantes e mais cerca de cinquenta escravizados domésticos e envolvidos em atividades agropastoris, comerciais e de mineração de ouro, 14 moradas de casas no Arraial do Tejuco e uma “tropa” de comércio. D. Anna já administrava os bens mesmo quando o marido, Luís José de Figueiredo, médico, era vivo.

No Inventário *post mortem* foram anexadas três listas justificadoras da necessidade do uso dos recursos na administração dos negócios e sustentação da família e dos escravizados domésticos: “Lista dos lucros que tem tido a herança”, “Lista de despesas com o funeral” e a de “Despesas de Mantimentos de julho de 1793 até outubro de 1796”. Este último rol materializa em texto o que podemos narrar sobre o próprio cotidiano alimentar da abastada família do Tejuco, ao final do século XVIII.

É importante criticar e até duvidar do rigor das anotações da viúva. Podemos questionar a eficiência contábil dessa dona de casa, frente às suas atribuições cotidianas de mãe e de administradora dos negócios, em momento de fragilidade pela viuvez. Ou, de forma contrária, podemos até afirmar a possibilidade dessa capacidade gerenciadora e planejadora da viúva, além da possibilidade de a lista ter sido feita—ou ditada a—por um escrivão. Ainda que possam ser falhas e manipuladas as listagens, elas, para cumprirem bem sua função no processo, não poderiam ser construídas à revelia da realidade local e regional, pois constituiriam, se assim fosse, fraude evidente e não seriam aceitas no processo. Assim, mesmo sob o filtro da crítica documental, elas nos indicam as necessidades, o consumo, a produção, os usos e os costumes dessa família abastada.

A lista de despesas arrola os “mantimentos”, palavra de significado amplo, englobando, além dos alimentos sólidos, os produtos de botica, as bebidas, o azeite para iluminação e as “miudezas”—botões para vestimentas, linhas para costuras, porções de especiarias de tempero e alguns alimentos, como frutas—, adquiridos no comércio fixo ou ambulante. Ela enumera quarenta e dois itens de consumo da família e de seus escravizados domésticos. Os alimentos, alguns deles consumidos regularmente durante o decorrer dos anos e outros sazonalmente, nos permitem interpretar a relação deste consumo com os ditames do clima, os preceitos religiosos, a ocorrência de doenças, a sociabilidade urbana, etc. São evidenciados os produtos “do Reino” e os “da terra”, distinguindo, assim, suas procedências. A

lista demonstra, também, a grande produção local/regional e a reduzida importação de bens de outras capitanias ou de Portugal.

A comida é cultura, como propõe Massimo Montanari (2009). Ela é linguagem denotadora de temporalidades no jogo com os espaços. Ela constrói vocábulos, gramáticas, sintaxes e retóricas denotadoras de contextos sociais específicos. Ingredientes e receitas, talheres, conjugação de pratos e de comportamentos à mesa são, assim, evidências materiais de formas de viver interessantes para a compreensão de um todo cultural.

A produção “da roça” da família, atestada pela lista dos “Lucros que tem tido a herança”, concorria para minorar em muito as despesas com a aquisição de produtos no mercado local. Incluíram-se aí o feijão, o arroz, o milho e a sua farinha, carne de boi, leite, hortaliças, algodão—para fiar e tecer, azeite de mamona para iluminação, lenhas, carvões e sebo para sabão. O consumo de arroz, claramente evidenciado, aponta para um hábito alimentar negado pelas narrativas ensaísticas tradicionais sobre a alimentação dos mineiros, no período. O arroz está presente nas duas listas, “de Lucros” e de “Despesas”. Dona Anna Perpétua o produzia em sua roça, o armazenava e o consumia e, quando faltava em suas reservas o encontrava para aquisição no mercado local.

A dieta cotidiana no domicílio de D. Anna era variada e rica como discutido por mim em outros textos (Meneses 2000; Meneses 2020). Consumia-se peixe fresco e peixe seco da pesca regional, além do bacalhau vindo do Reino “para as sextas e sábados”. A carne de porco, seus miúdos e o toucinho foram compras cotidianas, e a mandioca era consumida como farinha e *in natura*.

O trigo foi escasso e de consumo raro posto ser caro e em sua grande parte importado do Reino. O pão de trigo, assim, não foi um alimento do cotidiano mesmo no ambiente doméstico das famílias de posses. Os portugueses, como era o caso de D. Anna e de seu marido, nas Minas Gerais, adaptaram-se à falta desse cereal. A farinha de milho e o fubá configuraram-se, então como produtos para a confecção de vários petiscos, substitutos do pão. A oferta já regular do sal, ao final do século XVIII é evidenciado pela lista D. Anna, tanto o “do Reino” como o “da terra”.

A alimentação nas Minas Gerais ao final do setecentos se complexificava e sua população já não tinha “sua melhor bodega nos matos e nos rios” (Holanda 181). A “civilização do milho” como a interpretou Holanda, transformou-se e diversificou-se com a sedentarização e com a fixação das populações nos arraiais e nas vilas, mesmo que não tenham se perdido os antigos costumes. Continuaram a ser consumidos os produtos do milho e os da mata. Angu, milho verde em espiga—

assado ou cozido, pipoca, curau, pamonha, farinha—“o verdadeiro pão da terra”, canjica grossa, canjiquinha, cuscuz, catimpuera, aluá e jacuba, originários do milho, além do broto de samambaia, do palmito, das caças e dos peixes, do mel de abelhas e outros produtos dos matos continuaram a frequentar a mesa dos habitantes das Minas, associando-se àquela maior oferta de alimentos e, ainda, amalgamando-se mais cotidianamente aos costumes reinóis e aos de indígenas e de africanos.

A lista evidencia fartura. Consumiam-se queijos importados e de fatura local, além das hortaliças, legumes e frutas—bananeiras, frutas de espinho e jabuticabeiras—dos quintais que, cotidianamente, enriqueciam a dieta alimentar.

*

A transcrição documental das “Despesas de mantimentos” encerra este texto e objetiva exemplificar, em parte, a materialidade de uma escrita e as possibilidades de leitura de um documento de realidades passadas a partir de uma perspectiva que não o vê apenas como rol de bens de consumo. É documento da necessidade cotidiana. A leitura desta escrita como artefato ultrapassa a percepção de um ato processual cartorário e evidencia-se como denotativo de uma experiência e ação humanas na administração de uma família e seus bens. A agência de uma mulher constrói no gesto da escrita um artefato apresentador da experiência familiar, do gosto e das possibilidades alimentares da elite colonial. Esta lista escrita materializa coração, mente e mão de Anna Perpétua.

Inventário post mortem de Dr. Luiz José de Figueiredo
Inventariante: D. Anna Perpétua Marcelina da Fonseca
(Inv. 14/BAT/1^o of./maço 52, 1793)

Despesa de Mantimto Julho de 1793 athe Desbro

De pam no (?) molestia	2
De Carne	2 ½
P. 2 aroubas de Toucinho	3
P. 4 alq. ^{rs} de farinha	2
P. 1 barril de azeite	1 ¼
2 alq. ^{rs} de feijão	1
1 frasco de vinagre	1 ¼
1 bruaca de sal	426 - ¼ -
2	
4 alq. ^{rs} de fubá	1
1 arouba de asucar	1 ½
6 alq. ^{rs} de milho	1 ½
½ duzia de galinhas	23/42 (?)
1 duzia de queijos	1 ¼
8 Lbã ^s de bacalhao pã as sextas e sábados	1 ½
Miudezas	# 72

Agosto

1 ½ arroubas de toucinho	2 # - 2
De Pam	1 ¼
Carne	2 ½
1 frasco de azeite doce	2
2 alq. ^{rs} de feijão	113 ¼ - 2
6 ditos de fubá	1 ½
6 ditos de milho	1 ½
8 Lbã ^s de bacalhau	1 ½
Miudezas	# 72

7 bro

1 duzia de galinhas	13/44 (?)
de Carne	2
1 ½ arobas de toucinho	2 # - 2
4 alq. ^{rs} de farinha	2
2 dos de feijão	1 ¼
5 dos de fuba	1 ¼15 ¼ - 2
5 dos de milho	1 ¼
1 arouba de carne seca	1 ¼
1 barril de azeite	1 - # - 4
8 Lbã ^s de peixe	# 74 - 4
4 fatos pa os escravos	# 72 #
miudezas	# 72 #

8 bro

Carne	2 ½
1 ½ arobas de toucinho	2 ½
1 bruaca de sal	3 ¼ - 4
4 alq. ^{rs} de farinha	2 ½
2 dos de feijão	1 ¼
6 dos de fubá	1 ½ - 4
5 dos de milho	1 ¼ - 521 - ¼ -
1	
1 arouba de asucar	1 ½
1 duzia de frangos	1 - # - 4
de pam	# - 74 - 4
1 arouba de sebo pa sabão	2 - # - #
5 fatos pa os escravos e sabão	# - 72 - 4
8 Lbã ^s de peixes e miudezas	# ¾ -

9 bro

Carne	2
de toucinho e miúdos de porco	3 ½
1 barril de azeite	1 ¼ - 4
2 alq. ^{rs} de feijão e 4 dos de farinha	3 ¾
6 dos de milho, 4 dos de fubá	316 - # -
6	
1 do de aros	1 ¼
8 Lbã ^s de peixe	# - 74 - 4
miudezas	# 72 -

Dezbr

Carne	2 ¼
Toucinho e miúdos de porco	3 ½
1 duzia de frangos	1 - # - 4
½ duzia de galinhas	1 ½
2 alq. ^{rs} de feijão	1 ¼
5 dos de fuba e 6 dos de milho	1 ¾ - 2
5 dos de farinha	3 - # - 4
½ arouba de carne seca	# - ¾ - #

2 aroupas de farinha de trigo de São Paulo	6
1 frasco de azeite doce	1 $\frac{3}{4}$ - 4
1 aroupa de asucar	1 $\frac{1}{2}$
1 duzia de queijos	1 $\frac{1}{4}$
3 fatos pa os negros	$\frac{1}{4}$ - 4
8 Lbã ^s de peixe e miudezas	$\frac{1}{2}$ - 4

Despesas dos escravos com bexigas, Valeria crioula, Turibio mulatinho, Quintianila crioulinha

Pam	# $\frac{3}{4}$ #
2 frascos de caxaça e 1 do de vinho	1 $\frac{1}{2}$ - 4
1 do de vinagre	1 $\frac{1}{4}$
2 duzias de galinha	1 $\frac{1}{4}$
Papoulas (?)	# - $\frac{3}{4}$ - #

Janro - 1794

Carne	2
1 $\frac{1}{2}$ aroupa de Toucinho	2 $\frac{1}{4}$
2 alq ^{rs} de feijão	1 $\frac{1}{4}$
5 dos de farinha	3 - # - 4
miudos de porco	1 $\frac{1}{4}$
$\frac{1}{2}$ bruaca de sal	2 $\frac{1}{4}$
$\frac{1}{2}$ dúzia de queijos	# - 72 - 4
1 barril de azeite	1 $\frac{1}{4}$
2 fatos pa os escravos	# - 74 - #
Miudezas e 8 Lbã ^s de peixe	1

Despesas dos escravos com bexigas, Miguelina mulatinha, Lautério mulatinho, Qintiliano crioulo, Paulina mestiça, e seu filho Policarpio

3 duzias de galinhas	6 $\frac{3}{4}$
Pam	2
1 barril de caxaça	1
1 frasco de vinho	1 $\frac{3}{4}$
4 aroupas de carne seca	5
1 frasco de vinagre	1 $\frac{1}{4}$
1 Lbã de Xa	# - 72 - #

Doen (?) João José

2 duzias de galinha	4 $\frac{1}{2}$
Pam	1 $\frac{1}{2}$
1 frasco de vinho	1 $\frac{1}{4}$
2 Lbã ^s de manteiga do Reino	1

Fevr°

Carne	2 $\frac{1}{2}$
1 $\frac{1}{2}$ aroupa de toucinho	2 $\frac{1}{4}$
2 alq ^{rs} de feijão	1 $\frac{1}{4}$
5 dos de farinha	3 - # - 4
miudos de porco	# - $\frac{3}{4}$ - #
meya bruaca de sal	2 $\frac{1}{4}$
$\frac{1}{2}$ dúzia de queijos	# - 74 - # 4
1 barril de azeite	1 $\frac{1}{4}$
1 $\frac{1}{2}$ aroupa de sebo pa sabão	3
6 fatos e cabeças pa os negros e sabão	# - 74 - #
8 Lbã ^s de peixe	# - 74 - #
miudezas	# - 72

Março

1 aroupa de peixe	1 $\frac{1}{4}$
Carne	# - 72 - #
2 aroupas de toucinho	3

1 barril de azeite	# - $\frac{3}{4}$ - 6
5 alq ^{rs} de farinha	3 - # - 4
3 dos de feijão	1 $\frac{3}{4}$ - 4
1 frasco de azeite doce	2
8 Lbã ^s de bacalhau	1 $\frac{1}{2}$
$\frac{1}{2}$ arouba de asucar	1
1 alqueire de aros	1 $\frac{1}{2}$
miudezas e 4 Requjeijoens	1 $\frac{1}{4}$

Abril

1 bruaca de sal	4
1 arouba de peixe	1 $\frac{1}{4}$
$\frac{1}{2}$ da de bacalhau	3
1 da de carne seca pa doentes	1
2 das de toucinho	3
1 da de banha	1 $\frac{3}{4}$
5 alqueires de farinha	3 - # - 4
1 duzia de queijos	1 $\frac{1}{4}$
miudezas e 2 Lbã ^s de amêndoas	1 - # - 4

Mayo

Carne	2 $\frac{1}{2}$
1 $\frac{1}{2}$ arouba de toucinho	1 $\frac{3}{4}$ - 4
miudos de porco	1 $\frac{1}{4}$
5 alqueires de farinha	3 - # - 4
1 barril de azeite	1
1 arouba de asucar	2
miudezas	# - 72 -

Despesas que fis com os doentes de sarampo. Os órfãos todos são - Escravos: Delfina mulata = Turibio mulatinho = Lucinda crioula = Miguel Benguela = Lauterio mulatinho = Paulina mestiça =

6 duzias de galinhas	13 $\frac{1}{2}$
3 das de frangos	3 $\frac{1}{4}$
1 $\frac{1}{2}$ frasco de vinho	1 $\frac{3}{4}$
Pam	3 $\frac{1}{4}$
1 arouba de asucar	2
1 da de carne seca	1 $\frac{1}{4}$
1 frasco de vinagre	1 $\frac{1}{4}$
de asairão	1
de papoulas	# - $\frac{1}{4}$ - #
12 Lbã ^s de marmelada	# - $\frac{1}{4}$ - 4
Agoa Rozada	1

Junho

Carne	2
1 $\frac{1}{2}$ arouba de toucinho	1 $\frac{3}{4}$
1 da de carne seca pa os doentes	1 $\frac{1}{4}$
5 alqueires de farinha	2 $\frac{1}{2}$
$\frac{1}{2}$ bruaca de sal	2
4 fatos para os escravos	# - $\frac{1}{2}$ - #
8 Lbã ^s de peixe	# - $\frac{1}{4}$ - #
miudezas	# - $\frac{1}{2}$ - #

Julho

Carne	2
1 $\frac{1}{2}$ arouba de toucinho	1 $\frac{1}{2}$
5 alqueires de farinha	2 $\frac{3}{4}$
1 barril de azeite	1
1 alqueire de milho	# - $\frac{1}{4}$ - 2

4 fatos pa os escravos	# - ½ - #
8 Lbã ^s de peixe	# - ¼ - 2
miudezas - 4 Requeijoens	# - ¾ - 2

Agosto

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho e miúdos	3 ½ - 6
1 bruaca de sal	3 ¾
6 alqueires de fubá e 6 ditos de milho	3 - # - 6
4 fatos pa os escravos	- # ½ - #
miudezas e 4 Lbã ^s de peixe	- # ¾ - 4
meio frasco de azeite doce	2 ¼

7 bro

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho	1 ¾ - 4
1 barril de azeite	1
5 alqueires de farinha	2 ½
1 duzia de queijos	1 ¼
4 fatos pa os negros	- 1 ¼
miudezas	- ½ - 4

8 bro

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho	1 ½ - 6
1 bruaca de sal	4 - # - 4
3 fatos para os Escravos	# - ¼
miudezas	# - ½

9 bro

Carne	2 ¼
1 ½ arouba de toucinho	2 ¼
2 alq. ^r s de farinha	# ¾
1 arouba de carne seca pa os doentes	1 ¼
1 ½ duzia de frangos	1 ¼ - 5
2 fatos pa os Escravos	# - ¼ -
8 Lbã ^s de peixe	# - ¼ - 4
miudezas	# - ½

Desbr

Carne	2 ¼
Toucinho e miúdos	3 ¾
6 alqueires de fubá	1 ¾
5 dos de milho	1 ½
1 arouba de asucar	1 ½
4 fatos	# - ½
6 Lbã ^s de peixe	# - ¾
4 Lbã ^s de bacalhao	# - ¾
miudezas	# - ¾

Janrº - 1795

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho e miudos	3 ½
1 bruaca de sal	3 ¾
6 alqueires de fuba	1 ½
4 fatos pa os Escravos	# - ½ - #
8 Lbã ^s de peixe	# - ½ - #
miudezas	# - ¼ - #

Fevrº

Carne	1 ½
2 aroupas de toucinho	3
6 alq. ^{rs} de fuba	1 ¾
5 dos de milho	1 ¼
meya arouba de peixe	# - ¾
1 duzia de queijos	1 ¼
2 fatos	# - ¼
4 Lbã ^s de farinha de trigo	# - ¾
miudezas	# - ½

Março

1 ½ arouba de toucinho	1 ¾
1 da de banha	2
1 da de peixe	1 ¼
½ da de bacalhao	3
1 frasco de azeite doce	2
1 do de vinagre	1 ¼
6 alq. ^{rs} de fuba	1 ¾
6 dos de milho	1 ½
miudezas e 4 queijos	1 - # - 4

Abril

meya arouba de peixe	# - ½ - #
4 Lbã ^s de bacalhao	# - ¼ - #
1 ½ arouba de toucinho	1 ¾
2 Lbã ^s de amendoas	# - ½ - #
Carne	1 ½
1 bruaca de sal	4
½ arouba de asucar	# - ½
8 Lbã ^s de farinha de trigo	# - ¾
1 duzia de frangos	1
6 alq. ^{rs} de milho e 6 dos de fuba	3 ½
3 fatos pa os Escravos	# - ¼
miudezas	# - ½

Mayo

de Carne	1
1 ½ arouba de toucinho	1 ½
Miúdos de porco	1
2 aroupas de carne seca pa os meninos	2 ¼
1 duzia de queijos	1 ¼
6 alqueires de milho e 6 dos de fuba	1 ¼
½ frasco de azeite doce	# - ½
½ arouba de peixe	# - ½
1 duzia de frangos	1
1 da de galinhas	1 ¾
1 barril de azeite	1 ¼
2 fatos para os Escravos	# - ¼
miudezas	# - ¼

Junho

Carne	1
1 arouba de toucinho	1 ¼
4 alq. ^{rs} de fuba e 6 dos de milho	1 ¾
6 dos de farinha	1
½ arouba de sabão	# - ¼
2 fatos	# - ¼
miudezas	# - ¼

Julho

Carne	1
1 arouba de toucinho	1 ¼
8 alq. ^{rs} de fubá e 4 dos de milho	1 ¾
2 fatos pa os Escravos	# - ¼
miudezas	# - ¼

Agosto

Carne	1 ½
2 Capados	5
4 alq. ^{rs} de fubá 8 dos de milho	1 ¾
½ bruaca de sal	2 ½
1 arouba de sabão	1
8 Lbã ^s de peixe	# - ¼
3 fatos pa os Escravos	# - ¼
miudezas	# - ¾

7 bro

Carne	# ¾
1 arouba da seca	1
4 alq. ^{rs} de fubá	1
6 dos de milho	1 ½
2 dos de feijão	1
2 dos de farinha	# - ¾

8 bro

Carne	# ½
1 alq. ^{rs} de aros	# ¾
6 dos de farinha	1
6 dos de milho	# ¾
2 dos de feijão	# ¾
½ bruaca de sal	2
1 barril de azeite	1 ¼
½ arouba de asucar	# - ¾
1 da de sabão	1
Louça do Caité	1 ½
Panellas e hum pote	1
2 fatos	# - ¼
4 Lbã ^s de bacalhao	½
miudezas e ortalijas	# ¾

9 bro

Carne	1
1 capado	4
4 alq. ^{rs} de farinha	# - ¾
4 dos de milho	# - ½
1 barril de azeite	1
miudos de porco	# - ½
1 alq. ^{rs} se aros	1
2 dos de feijam	# - ¾
8 Lbã ^s de peixe	# - ½
2 fatos pa os Escravos	# - ¼
miudezas e 4 Requeijoens	1

Despesas que fes o órfão Luiz com a molestia

1 duzia de galinhas	2 ¼
1 da de frangos	1
Carne	1 ½
2 frascos de vinho	2 ½

1 vdo de vinagre	1 ¼
½ do de agoa ardente do Reino	# ¾
Pão	1 ¼
Balcimo Catolico	# - ¼
½ arouba de asucar	1
4 Lbã ^s de farinha do Reino	1
2 frasquinhos de agoa da Rainha	# - ¼
2 Lbã ^s de manteiga do Reino	# - ¾
4 das de marmelada	# - ¼

Desbrº

Carne	2
1 arouba de toucinho	1 ½
1duzia de queijos	1 ¼
5 alq ^{rs} de farinha	2 ½
4 dos de farinha de milho	# ¾
6 dos de milho	# ¾
2 dos de feijam	1
1 arouba de asucar	1 ¼
miudos de porco	1 ¼
1 frasco de azeite doce	1 ¾
1 alq ^{rs} de aros	1
8 Lbã ^s de peixe	# - ½
miudezas	# - ½

Janº 1796 athe 8brº

1 bruaca de sal	4 ½
Carne	2 ¼
1 barril de azeite	1
1 ½ arouba de toucinho	2 ¼
5 alq ^{rs} de fubá	1 ¼
5 dos de milho	1 ¼
5 dos de farinha	1 ½
2 fatos 1 cabesa pa os Escravos	# - ¼
8 Lbã ^s de sabam	# - ¼
miudezas	# - ½

Despesas de remedio, galinhas e Pam q. fes a escrava Valeria neste mês # - 2 - ¼ -

Fevrº

Carne	2
Peixe pa os dias de jejum	# - ½ - #
1 arouba e 8 Lbã ^s de toucinho	1 ½
5 alq ^{rs} de fuba e 5 dos de milho	2 ½
5 dos de farinha	1 ¼
2 dos (..?..)	1 ¼
1 arouba de sabam	1
2 fatos 2 cabesas	# - ½ - #
½ duzia de queijos	# - 12 - #
1 arouba de asucar	1 ¼
miudezas	# - ¼ - #

Despesa de remédio galinhas e Pam que fes athe sua morte a Escrava Valeria (?)

Março

Carne	# ¾ - #
2 aroubas de toucinho	3
1 da de peixe seco	1 ½
½ frasco de azeite doce	1
4 alqueires de feijam	1 ¼

5 dos de fubá e 6 dos de milho	2 ½
6 dos de farinha de mandioca	2 ¼
1 arouba de sebo pa sabam	2
3 fatos pa o do	# - ¼
2 alq ^{rs} de aros	1 ¼
miudezas	3 - ½

Despesa de remedio galinha e pam q. fes a Escva Lucinda neste mes com sua moléstia

Abril

2 ½ arouba de toucinho e banha	3
Carne	# - ¾
½ arouba de peixe e	# - ½ -
8 Lbã ^s de bacalhao	1
½ frasco de azeite doce	# - ¾
1 duzia de queijos	1 ¼
3 alq ^{rs} de feijão	1
6 dos de fubá e 6 dos de milho	2 ½
5 dos de farinha	1 ¾
miudezas	# - ¼

Despesa q. fis de botica Galinhas e Pam na molestia da Escva Lucinda neste mes

Despesa q. fes de botica Galinhas e Pam a cabra Maria Damiana e seu filho na molestia que tiveram

Mayo

Carnes	2
½ arouba de toucinho	2 ¼
Lombos e miudos de porco	1 ¼
12 Lbã ^s de peixe	# - ½
½ bruaca de sal	3 ½
1 arouba de asucar	1 ¼
½ da de banha de porco	# - ¾
1 barril de azeite	1
6 alqueires de farinha	2 ¼
2 dos de feijão	# - ¾
3 fatos pa os negros - 1 alq ^{rs} de aros	1 ¾
miudezas	# - ¾

Despesa de botica gas e pam q. fes Lucinda athe sua morte

Junho

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho	2 ½
1 da de sebo para sabam	2
3 fatos pa o do	# - ¼
3 alq ^{rs} de feijão	1
6 dos de farinha	1 ¾
2 fatos 1 cabesa pa os negros	# - ¼
miudezas	# - ½

Junho [Julho — no original repete-se o mês de Junho]

Carne	2
1 arouba e 8 Lbã ^s de toucinho	2 ½
miudos de porco	# - ¾ -
4 pratos de sal do Reino	2
2 dos da terra	# - ½
5 alq ^{rs} de farinha	1 ½
3 dos de feijao	1
1 do de aros	# - ½

3 fatos pa os negros	# - ¼
½ arouba de asucar	# - ½
miudezas	# - ½

Agosto

Carne	2 ¼
1 ½ arouba de toucinho	2 ¼
4 pratos de sal do Reino e 2 dos da terra	2 ½
1 barril de azeite	1
½ arouba de peixe dias de jejum	# - ½
Lombos e (...?)	1
Fatos pa os negros	# - ¼
5 alq ^{rs} de farinha	1 ½
2 dos de feijão	# - ¾
½ duzia de queijos	# - ½
½ arouba de asucar	# - ¾
miudezas	# - ¾

7 bro

Carne	2
1 ½ arouba de toucinho	2 ¼
4 pratos de sal do reino e 2 dos da terra	2 ½
miudos de porco e 8 Lbã ^s de peixe fresco	# - ¾
6 alq ^{rs} de farinha	2 ¼
2 dos de feijao	# - ¾
2 dos de aros	1 ¼
2 fatos, 2 cabeças pa os negros e miudezas	1 ¼

8 bro

Carne	2
2 aroubas de toucinho	2 ¾
Lombos e mais miudos de porco	# - ¾
½ arouba de banha	# - ¾
½ bruaca de sal do Reino	3 ½
½ duzia de queijos	# - ½
½ arouba de sabam	# - ½ ...
3 alq ^{rs} de feijao	1
miudezas	# - ¾

Despesas com Maria Damiana e seu filho neste mes de molestia de Lepra e ambos (...?)
Remediados

Somão toda a despesa de comestiveo the hoje 30 de 8brº de 1796 na qtía

*

OBSERVAÇÕES: distinções ortográficas, abreviaturas e significados.

Agoa – água amêndoas – amêndoas

Alq^{rs} – alqueires

Aros – arroz

Arouba – arroba

Asucar – açúcar

Athe, the – até

Bacalhao – bacalhau

Balcimo – bálsamo

Banha – tecido gorduroso de porco

Bruaca – espécie de saco de couro para transportar sal

Cabesas – cabeças

Capado – suíno castrado

Comestiveo – comestível

Ditos, ditas, D^{os}, D^{ãs} – artifício para não repetir a mesma palavra acima

Fatos – tecido adiposo que protege os órgãos dos animais

Feijam – feijão

Fes – Fez

Hum – um

Lb^{ãs} – Libras, medida de peso

Louça do Caité – cerâmica vidrada “da terra”

Miudos – miúdos de porco, órgãos do corpo suíno como coração, rim, fígado etc

Molestia – moléstia, doença

Ortalisas, ortaliças – hortaliças

Pam – pão

Requeijoens – requeijões

Sabam – sabão

Somão – Somam, totalizam

Vd^o – vidro

Xa – Chá

Trabalhos citados

Almada, Márcia. “Cultura material da escrita ou o texto como artefato”. *Cultura escrita em Debate. Reflexões sobre o Império português na América—séculos XVI a XIX*, editado por Conceição, Adriana, Angelita de Meirelles, Juliana Gesuelli, Paco Editorial, 2018, pp. 17-40.

Bouza, Fernando. “Escribir a corazón abierto. Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII”. *Varia História*, vol. 35, n. 68, 2019, pp. 507-534.

Chartier, Roger. *Inscrever & apagar. Cultura escrita e literatura*. Editora UNESP, 2007.

Giard, Luce. “Sequência de gestos”. *A invenção do cotidiano, 2. Morar, cozinhar*, editado por Certeau, Michel de, Luce Giard e Pierre Mayol, Editora Vozes, 1996, pp. 268-286.

Gonçalves, Marina Furtado. “Fazer e usar papel: caracterização material da documentação avulsa da Coleção Casa dos Contos do Arquivo Público Mineiro (1750-1800)”. Programa de Pós-graduação em História-FAFICH-UFMG, 2020. (Tese de Doutorado)

Holanda, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Companhia das Letras, 1994.

Le Breton, David. *A sociologia do corpo*. Editora Vozes, 2012.

Meneses, José Newton C. “Introdução - Cultura Material no universo dos Impérios europeus modernos”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*. vol. 25, n. 1, 2017, pp. 9-12.

---. “Mesa farta, gostos diversos. Cozinha e práticas alimentares da elite mineira (séculos XVIII e XIX)”. *História & Alimentação. Brasil séculos XVI-XXI*, editado por Algranti, Leila Mezam e Sidiana da C. Ferreira de Macêdo. Editora Paka-Tatu, 2020, pp. 418-441.

---. *O Continente Rústico. Abastecimento alimentar nas Minas Gerais setecentistas*. Maria Fumaça Editora, 2000.

Meneses, José Newton C. e Borrego, Maria Aparecida de Menezes. “Introdução —O testemunho das coisas úteis e duráveis”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Vol. 26, 2018.

Montanari, Massimo. “A cozinha, lugar de identidade e das trocas”. *O mundo na cozinha. História, identidade, trocas*, editado por Massimo Montanari. SENAC, 2009.

Pinto, Gislaine Gonçalves Dias. “O poder da imagem e da palavra: a posse de imagens por cristãos-novos portugueses na Idade Moderna”. PPGH-FAFICH-UFMG, 2022.

Rede, Marcelo. "História e cultura material". Cardoso, Ciro F. & Vainfas, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Elsevier/Campus, 2012, pp. 133-150.

Roche, Daniel. *História das coisas banais. Nascimento do consumo. Sécs. XVII-XIX*, Rocco, 2000.

Santos, Alessandra Soares. *Francisco Iglésias. A história e o historiador*. Alameda, 2017.

Fontes documentais

Inventário *post mortem* de Luís José de Figueiredo, Biblioteca Antônio Torres, 1793. (Inv. 14/BAT/ 1º Ofício/maço 52, 1793)

Lista Nominativa de 20/07/1832, Distrito de Paz de Santo Antônio do Tejuco, 1832. NPHED/CEDEPLAR/UFMG/Poplin—Minas Gerais, 1830, Belo Horizonte. www.nphed.cedeplar.ufmg.br

Mapa de Moradores do Arraial do Tejuco, conforme cada uma das Ruas, e Becos de que consta o mesmo Arraial, Tejuco, 1775. Instituto Casa da Glória - IGC-UFMG, Diamantina.